



MAUSOLEO EM PERSEPOLIS.

A opulenta Persepolis, situada á borda do Araxe, foi capital de toda a monarchia medo-persa; mas hoje só existem as ruínas, ainda extremamente bellas ao nordeste de Schiraz. A quatro milhas de distancia ha uma rocha de marmore alvacento, cortada a pique, da altura de 140 braças, na face da qual, que o desenho representa, vêem-se as esculturas e excavações denominadas agora cemiterio dos guebros e throno de Rostam. Os habitantes d'aquellas comarcas adoptaram este ultimo nome porque acreditam que os lavores da pedrá figuram os combates singulares, e altas proezas de Rostam, famigerado heroe dos tempos fabulosos da Persia. Os monumentos de Nakschi-Rostam constam de quatro tumulos, que em nada differem, ao menos exteriormente, e de muitos grandes relevos.

Pelos escriptores gregos sabemos que os persas não queimavam os corpos de seus defuntos como os

demais povos da antiguidade; e de facto, seria contrario ás leis de Zoroastro inquinar pelo contacto dos cadaveres o elemento sagrado, emanação da divindade. A inhumação tanto estava em pratica por uso civil como por crença religiosa. Todavia, a escolha da terra, que devia receber os despojos mortaes dos persas, não era arbitraria; intervinham tambem n'isso as prescrições do culto e marcavam a terra natal, o torrão abençoado que produzira cada homem e ao qual devia voltar. Concordam n'esta circumstancia numerosos e mui explicitos testemunhos. Dest'arte, Cambyzes fez trasladar seu pae Cyro para Pasargada na Persia, não muito longe de Persepolis, e Dario Notho mandou apromptar a sua sepultura; e se a historia não transmittiu factos analogos relativamente aos principes immediatos, vemos, comtudo, Alexandre o conquistador, tão exacto e escrupuloso observante dos costumes dos povos

SETEMBRO 20, 1856.

Vol. V 3.ª Serie.

C. M. L.
G. A. E.
DE ESTUDOS
OLISIPONENSES

Vamos, pois, ao segundo episodio, ou antes, segunda parte do primeiro, attenta a connexão que tem com este.

À nossa chegada não estava fundeado no porto nenhum navio de guerra nacional, cumprindo-nos, por tanto, fazer o registro das embarcações mercantes que ali se achassem ancoradas. Largou logo um escaler para esse serviço, e um outro para terra, com o official encarregado de comprimentar o governador geral da provincia.

Passados, porém, poucos minutos, appareceu por fora da ilha de Loanda uma escuna portugueza fazendo força de vela para a barra, e um brigue de guerra inglez dando-lhe caça.

O commandante reconheceu logo a aggressiva intenção de John Bull, que pretendia registrar um navio portuguez á vista das fortalezas da cidade, aonde tremulava a bandeira azul e branca; e como não tivesse mais nenhum escaler em estado de servir, mandou lançar ao mar a lancha, que vinha dentro do brigue, em quanto treze marinheiros se armavam para a tripular. Eu fui o encarregado de dirigir esta gente.

Apromptou-se tudo em um momento, e vogámos para a escuna, que já vinha dobrando a ponta da ilha, seguida sempre do implacavel bretão.

— Pica a voga! . . . Rema força! bradei eu á maruja, que se encheu tambem de enthusiasmo: Vamos a chegar á escuna, antes que o brigue a atraque.

A lancha voava!

— () da escuna. . . atravessa.

A escuna atravessou immediatamente.

Na sua popa o nome de *Minerva*.

Pouco depois estava eu, e os meus treze marinheiros, sobre o seu convez, e guinando para a terra, fomos largar ancora ao alcance da artilheria do forte de S. Pedro. O brigue inglez fundeou em seguida, a distancia de tiro de pistola da escuna, e arriou ao mar um escaler, que se guarneceu tambem de gente armada, commandada por um official de marinha, dirigindo-se logo a nós.

— Marinheiros, disse eu, este navio não se deixa registrar por um official estrangeiro dentro de um porto portuguez. Estende em linha pela borda. . . escorar, e cartegar.

— Sr. tenente, observou um velho cabo de marinheiros; não seria prudente, visto estarmos ao alcance da artilheria do brigue, pendurar do portaló a bandeira nacional. . . Estes perros não se atreveriam a pisal-a.

— Subiam pelo costado, lhe respondi eu, tão alto é elle? Ora anda, meu velho, trata de fazer boa pontaria, para ao menos morrermos matando, se os nossos alliados quizerem violar o direito das gentes.

O escaler inglez atracava n'esse momento ao costado da escuna.

Cheguei ao portaló, e perguntei ao official britânico o que pretendia.

— Registrar esse navio, que nos fugiu, dando-se assim a conhecer como negreiro.

— Cá estou eu para averiguar isso.

E mostrei-lhe as minhas dragonas de tenente, e a bandeira portugueza que tremulava na popa da escuna.

O inglez hesitou, como quem não tinha instrucções muito amplas, e talvez por ver os canos dos fuzis por cima da borda, o que lhe indicava que acharia séria resistencia contra a pequena força que commandava. Por fim comprimentou, e retirou-se.

D'ahi a pouco recebi reforços de tropa e marinha-

gem; armei a tripulação da escuna, e esperei pelos acontecimentos.

Quando anoiteceu, e que estavam collocadas as vigias necessarias, e dadas todas as providencias para evitar uma surpresa nocturna, desci á camara do capitão, que me havia convidado para tomar algum refresco, e entabolámos conversação sobre varios assumptos, de nenhum interesse, como succede noventa e nove vezes por cada cem que fallamos com um estranho.

No fim, porém, de meia hora de palestra, tornou-se o dialogo interessantissimo, graças a um felis acaso. Houve um verdadeiro reconhecimento theatral.

Lançando, distrahidamente, os olhos para o livro da matricula da escuna, achei que o seu capitão se chamava Carlos Antonio Pedrozo.

Este nome não esqueceu de certo aos leitores?

Perguntei com anciedade ao meu interlocutor:

— O senhor é parente de um piloto d'este mesmo nome, que morreu na galera *Amazona*?

— Sou eu mesmo, respondeu placidamente o capitão.

— O que morreu não é de certo, acrescentei eu, rindo.

— Sou eu o piloto da *Amazona*, replicou elle, mas não morri.

— Isso vejo eu; mas então para que escreveu aquella confissão geral, que entregou ás ondas dentro de uma garrafa? Foi para cassoar com a gente?

— A garrafa!!!. . . clamou o sr. Pedrozo, com tres pontos de admiração na voz, e não sei quantas interrogações nos olhos. — A garrafa! repetiu surdamente, como o ecco de si mesmo.

— Sim, a garrafa que continha a confissão geral. . . Ah! maganão, que lhe não escapou a criada! . . . Ora, diga a sr.^a D. Theresinha já é sua esposa?

— Sabe tudo! balbuciou o capitão, cada vez mais pallido e mais aterrado. . . E do lenço? . . .

— Isso são coisas de rapaz, que se desculpam. Lá tem o João Jaques Rousseau, que tambem furtou uma fita, e ainda em cima deixou condemnar em seu logar uma mulher honrada.

— Que vergonha, meu Deus! que vergonha! exclamou o piloto, cobrindo a cara com as mãos.

— Qual vergonha, sr. Pedrozo; esta historia fica entre nós. O que eu desejo saber é como se salvou?

— Diga-me primeiro como achou a garrafa?

— É simples. No mar; a algumas milhas da ilha de S. Thomé.

— Depois de tantos annos! . . . Já nem de tal me lembrava.

— Mais tempo andou no oceano uma declaração de Colombo, confiada ás aguas na sua viagem de descoberta ao Novo Mundo, pois só agora appareceu em uma praia do Mediterraneo.

— Contentava-me que a minha confissão se demorasse tanto tempo á tona d'agua!

— Está em meu poder, e prometto entregar-lh'a, ainda que me comprometta.

— Que excellente rapaz! . . . Pois já que sabe o principio da minha historia, vou contar-lhe o resto.

— Vamos a isso, capitão, que assim afugentaremos o somno, já que os inglezes nos obrigam a estar alerta.

O sr. Pedrozo contou as suas aventuras do seguinte modo (salva a redacção.)

— Depois de enrolar o papel que continha a minha confissão, metti-o dentro de uma garrafa, que achei por acaso na tolda, breci a rolha o melhor que

pude, e, fazendo o signal da cruz, atirei com a botelha ao mar. Ajoelhei em seguida sobre as taboas do convez, e comecei uma fervorosa oração ao Altissimo, isempto já de toda a esperança terrestre; porém uma onda que galgou pela pôpa, veio cortar a que eu reputava ultima reza da minha vida, arrojando-me com violencia contra a bitacula. Pelo instincto da propria conservação, que não abandona o homem em quanto lhe resta um sopro de vida, ergui-me rapidamente, e corri para a amurada, segurando-me a uma mesa de malaguetas, para não tornar a cair quando novas ondas entrassem na galera. Então, lançando ainda a vista para o sol que se occultava no horisonte, vi no meio da esteira de luz que os seus raios projectavam na agua... uma vela... uma vela!.. A salvação!..

O sr. Pedrozo bradava com tal força, e gesticulava com tanta energia, que parecia achar-se ainda no meio do perigo.

— Eram os meus companheiros, que eu accusara injustamente, proseguiu o capitão, que haviam dado pela minha falta, e que voltavam no brigue Williams a procurar-me. A culpa não fôra d'elles, fôra da minha embriaguez, pois que em casos taes ninguem se lembra vulgarmente senão de si. Apenas eu tinha saltado para dentro da lancha salvadora, quando a galera mergulhou de todo nas ondas, deixando a superficie da agua coalhada de destroços. Entre os restos da *Amazona*, que iam boiando, notei a parte da meia laranja aonde alguém da companhia havia escripto com giz: *A barca Amazona, de Lisboa, foi abandonada pela sua tripulação...*

— Já sei, interrompi eu; e o sr. Pedrozo accrescentou-lhe:

«Não! Nem toda a gente foi salva.»

— É desgracia minha, que em pondo a penna no papel sae por força asneira! Atalhou logo o capitão. Primeiro essa, depois a confissão... veja que duas!

— Da segunda não lhe resulta mal nenhum; amanhã pode queimal-a.

— Seja Deus louvado!.. Pois olhe que a primeira deu-me serios desgostos!

— Talvez seja segredo; e eu não quero ser indiscreto perguntando...

— Nada, nada. Heide contar-lhe a historia até ao fim.

Se o leitor tem curiosidade de saber o resto, pode ouvir o capitão, que vae continuar a sua narrativa.

— Cheguei a salvamento ao Cabo da Boa Esperança, aonde encontrei um honrado capitão de navio inglez, que, por caridade, me levou para Bombaim, d'onde me era facil passar a Goa, pois que não falando outro idioma senão o meu, só em terra portugueza poderia achar meios de ganhar a vida para voltar a Lisboa. Na India, porém, só havia um navio portuguez para regressar á patria; e este, infelizmente, ia primeiro a Macau, de lá a Timor, e voltava pelo Cabo a Lisboa. Como não havia por onde escolher, accitei o logar de piloto, que me offerceram, e entreguei-me outra vez ás furias do mar. N'esta longa e trabalhosa viagem não tivemos com tudo nenhum desastre memoravel... Os grandes desgostos estavam guardados para a chegada a Lisboa!

Havia mais de anno e meio que estava ausente de casa; e cinco mezes depois da minha partida publicara a *Gazeta* as malditas declarações, escriptas na meia laranja da *Amazona*, que fôra encontrada logo depois do naufragio por um navio que seguia do

Brazil para Portugal. Meu pae e minha mãe apenas souberam da nova, adoeceram gravemente e morreram de desgosto. A Theresinha... casou d'ahi a algumas semanas, com um merceeiro gordo, nosso vizinho; e meu irmão Paschoal habilitou-se universal herdeiro de nossos paes, e estragou o patrimonio n'um abrir e fechar d'olhos, em companhia da *melhor sociedade* de Lisboa; depois alcançou o posto de alferes para Moçambique, e quando eu cheguei já tinha partido. Estava pois só no mundo, orphão, pobre, e atraçoado!.. Resolvi-me a abandonar para sempre a patria, e buscar fortuna do outro lado do oceano.

Metti-me a negreiro, accrescentou elle, abaixando a voz, e duas vezes fui prisioneiro dos ingleses...

— Hoje ia sendo a terceira vez...

— Não senhor. Amanhã verá, quando descer ao porão, se encontra algum dos indícios de que trata o decreto de 10 de dezembro de 1836. Fugi ao inglez, porque tenho zanga áquella gente, e mesmo porque elles já tem aprezado navios sem o menor signal de se destinarem ao trafico.

Dois tiros de espingarda, dados a bordo da escuna, nos fizeram erguer de um salto. Subi ligeiro a escada da camara, e vi que amanhecia. Os tiros eram o signal da alvorada.

D'ahi a pouco recebi ordem de velejar a escuna para junto do nosso brigue, manobra a que o capitão inglez se não oppoz, porque ja havia conferenciado durante a noite com o commandante portuguez. Passei depois uma rigorosa busca á escuna, e não lhe tendo encontrado o menor indicio de se destinar ao trafico da escravatura, despedi-me do sr. Carlos Antonio Pedrozo e do seu piloto, e embarquei com a minha gente na lancha do brigue.

N'esse mesmo dia cumpri a promessa feita ao capitão da *Minerva*, enviando-lhe a confissão geral do piloto da *Amazona*.

Continua.

F. M. BORDALO.

A MEMORIA DE D. ANNA DA CONCEIÇÃO DE MELLO FRAGA, E DE SEUS FILHOS ANGELA E ALFREDO, FALLECIDA A 1 DE SETEMBRO DE 1855.

Continuação

Como esquecer heide eu a paciente
Resignação christã, que tu mostraste
Na tua enfermidade?
Com tanta placidez, gesto contente,
O espirito abatido me animaste
Co'angelica piedade.

Teu maternal amor tão extremoso
Pelos caros filhinhos, que perdemos,
Te aggravou a doença:
Com grave sentimento doloroso
Viste dos mallogrados teus extremos
Tão triste recompensa.

Tua força vital enfraquecida
Não pôde resistir a tanto abalo,
Succumbiu aterrada;
Mas, da divina graça esclarecida,
Sempre mostraste ser, sem intervallo,
Christã e resignada.

Té o fatal instante derradeiro
Soffreste paciente e edificante,
O mais atroz tormento,
Sendo exemplo fiel e verdadeiro,
De admiravel virtude tão brilhante.
Digna de acatamento.

E pude eu ter-te, sem morrer de pena,
Entre meus braços já inanimada,
N'elles rendendo a vida!
E pude contemplar a triste scena
De ver a morte reduzir-te ao nada,
Ver a fatal partida!

Tão penosa lembrança me atormenta,
E a vida pouco a pouco assim me acaba
Em lugubre tristeza;
Do espirito a continúa, e grã tormenta,
Em ruinas o corpo me desaba
Com asperrima f'reza.

Ah! Não mais dos filhinhos ser-me dado
Gosar de seus affagos innocentes,
Nem dos da casta esposa!
Triste no mundo, só, desamparado,
Vou regando com lagrimas ferventes
De seu sepulchro a lousa.

O coração me corta esta lembrança;
Perder tudo o que mais na terra amava,
Para sempre perdel-o!
Nem ao menos me resta a fraca esp'rança.
Com que a recordação se adormentava,
De poder esquecel-o.

Como um amante, terno passarinho.
Que só na prole sua e companheira,
Põe todo o seu cuidado,
Quando as vê mortas, derrubado o ninho,
Espavorido foge, na carreira,
No vôo todo assustado:

Tal estou n'este mundo, e solitario,
Triste, abatido, da saudade oppresso,
Em tormentosa lida:
Para ao termo chegar do meu fadario,
Debalde ao ceo irado a morte peço:
Pois me aborrece a vida.

Mas emquanto a existencia amargurada
Pela paixão, saudade, dôr e pranto,
Vae ao seu fim chegando,
Minha alma tão afflicta e consternada,
Encontra allivio no sentido canto,
Que a dôr vae mitigando.

No verso triste, sem cultura e arte,
Deploro a perda dos amados entes,
Para quem eu vivia,
N'elle só sentimento e amor tem parte.
Amor, que se traduz em vehementes
Suspiros e agonia.

Sobre a marmorea lage, a qual encerra
Mortaes despojos, tão de amor chorados
Por humana fraqueza,
Ali c'o pranto meu inundo a terra,
Ali suspira, chora entes amados,
A fragil natureza.

As campos sepulchraes ali molhadas
Co'as lagrimas do pae, do terno esposo,
Serão diariamente...
Mas, ah meus prantos, penas magoadas,
Não lhes perturbeis mais celeste goso,
Da gloria permanente!

Da bemaventurança gloriosa,
Que á vista gosam do Creator supremo
Na divina morada:
Dae-me, oh Deus, egual sorte tão ditosa,
Junto aos entes, que amei com tanto extremo!
Oh sorte afortunada!

E tu, oh querido bem, cara consorte,
Que já no ceo desfructas descansada
O premio da virtude;
Pois que nos desuniu na terra a morte,
Para a união no ceo nunca acabada,
O rogo teu me ajude.

Carnachide 26 de maio de 1856.

ANTONIO MARIANNO TIBURCIO DE FRAGA.



GANSOS-CYSNES DA AUSTRALIA.

Um casal de gansos-cysnes, oriundos d'Australia, que só se encontram na parte norte d'este paiz, e é a unica casta que ali existe, foi conduzido para Londres, e faz hoje parte das collecções d'animaes da sociedade zoologica da mesma cidade.

Mr. Gould, na memoria que publicou sobre os passaros da Australia, descreve assim os gansos-cysnes, representados na nossa estampa, e que são hoje mui raros.

« Quando o New South Wales começou a ser colonizado, esta especie singular era muito abundante no Kaukesbury. As margens dos rios, e das lagoas encontravam-se povoadas de gansos-cysnes; á medida porém que a civilização e o progresso foram invadindo o paiz acabou esta raça, até que desapareceu quasi totalmente. N'algumas partes do districto de Port Phillip ainda se conservaram por bastante tempo, servindo mesmo de unico sustento aos naturaes do paiz, os quaes, segundo diz o dr. Leichardt, lhes davam caça, atirando indistinctamente aos grandes bandos que voavam por cima das suas cabeças, toldando a atmospherá. O ganso-cysne parece conhecer instinctivamente os seus inimigos. É incrível a distancia do seu vôo, e percorre sem descanso muitas milhas. »

ESTUDO CRITICO.

FAZER FORTUNA

DRAMA ORIGINAL EM 5 ACTOS

Por

ANTONIO DE LACERDA.

I

Muito de proposito temos deixado decorrer algum tempo, depois que o drama *Fazer Fortuna* subiu á scena para mais devagar e com maior placidez o podermos analysar como desejamos. Raras são as impressões de momento sobre que a parcialidade não influe ou cuja justiça não é derivada pelo enthusiasmo ou pela animadversão. Assim, embora assistam ao critico os melhores desejos do mundo, torna-se-lhe difficil, senão impossivel, fazer obra tão pausada e fria, que responda pelo são juizo das suas opiniões. Mais tarde porém é differente, e o escriptor pode aventar sobre o assumpto o que entende, como o historiador sobre os successos passados, ou sobre os personagens, que baixaram á sepultura.

E, confessamol-o com franqueza, repetidas vezes temos intentado este trabalho e o desalento de tal modo nos tem vergado o animo que sempre temos deposto a penna descrendo da propria capacidade.

É que se ha trabalhos ingratos é sem contestação um d'elles este da critica. Mais creando inimigos do que amigos, acarretando cuidados e encargos de consciencia, reserva no fim para o que o trabalhou, a mesma gloria, quando muito, que pertence áquelle que só pode attentar os astros, quando munido do oculo do visinho astronomo.

Seguiremos passo a passo o autor na sua obra, e depois de assistirmos á conclusão do acto final diremos o que nos occorreu sobre cada um dos personagens, bem como sobre a perspectiva geral, e harmonias, do aggregado dos caracteres todos.

II

JULIA — E eu... se me visse na precisão de deixar a casa de nosso bom pae, de a não ver ao menos de longe... ou se não houvesse de voltar á nossa freguezia a aspergir agua benta no sepulchro onde repouza nossa pobre mãe... oh! então..... então.

ACTO I — SCENA II.

Ao começar o drama, o espectador encontra-se

n'uma d'essas casas abastadas do Minho de lavrador laborioso e remediado. De duas filhas que elle tem, a mais velha, e a mais prendada, aquella, que no convento e na cidade colheu graças e donaires para juntar ás naturaes, é quem primeiro se apresenta, patenteando-nos os seus projectos, a sua ambição e arrepios de abandonar o presente risonho, que a rodeia, por um futuro promettedor é verdade, mas duvidoso e escuro.

Sua madrinha, uma mulher que se dá por tal, e que por semelhante forma a trata, incita-a pelo exemplo e com os conselhos, a procurar em longes terras, no Brasil, melhora para a sua sorte, tranquillidade e opulencia para os seus, satisfação para os seus desejos ambiciosos e para as suas pretenções desvairadas. Mais do que ella o é, sua madrinha fôra pobre; e um enlace interesseiro, uma fortuna adquirida pelos meios torpes da escravatura, lhe tinham garantido uma fortuna sem igual na sua terra e sem inveja ás melhores da cidade.

A donzella todavia conserva-se indecisa. Fundas raizes a prendem para que possa sem grande custo desarreigar-se da aldeá onde nasceu. As venerandas cãs de seu pae, que lhe quer como a luz dos seus olhos, e que receia macular com o lodo da infâmia; sua irmã mais nova, pobre creança, que se lhe ampara e lhe reclama exemplo e protecção; um gentil moço d'aquelles logares, pobre de fortuna, mas rico de amor, de talento e de aspirações, são elos todos, o qual mais forte, o qual mais resistente da cadeia tenaz que a prende (como Prometheu) ao rochedo, á mediocridade obscura, que tanto lhe pesa e custa.

Forte e malferida peleja se dá no animo de Emilia; tentações a desvairam, amores a reconduzem. Que pode fazer, se se vê como o barco, que leva em mira um certo porto, mas que as vagas descontraçadas, o furor dos ventos, o receio dos rochedos obrigam a mudar de carreira e de destino?

Julia entretanto lhe apparece. Aos olhos da irmã, que lhe atravessam até ao fundo d'alma, como o raio do sol até ás profundidades do mar, não ha mysterio, que o seja, nem arcano, por mais recondito, que se não patenteie.

A amizade supprime-lhe os conhecimentos, o interesse a pratica do mundo. É d'aquelles labios infantis, que vão surgir as exprobrações merecidas, á que pretende abandonar a casa paterna, deixando-lhe ver o que ha de feio na acção que vae praticar, e as desgraças que pode acarretar sobre si e os seus com o perdimento d'aquella descuidosa felicidade.

É quadro este de mão de mestre. Que, se pelo sentimento se eleva, muito mais sobe ainda pelas molas pouco gastas, que lhe imprimem a acção. Não é da bocca respeitavel do ancião, nem dos carinhosos labios da mãe, que nos estremece, que saem os conselhos mais justos, a reprehensão mais severa. É de Julia, a innocencia em pessoa, a candura e a singeleza, que elles saem, como abundante nascente de prado singelo ou de pedra lisa; e d'ali o quadro mavioso da vida aldeã, a pintura carregada do existir criminoso da filha perdida, a exprobração á transviada saem mais mimosos, com mais frescura e viço, mas não com menor energia e verdade.

Lembra-nos aquella singela fabula de Lafontaine — Les deux pigeons — uma das mais mimosas d'aquella mimosa collecção, e em que um d'elles dissuade o outro de seus projectos temerarios:

..... Qu'allez vous faire

Voulez-vous quitter votre frère?

Mãe, á similitude do pobre pombinho, Julia nada consegue, e a educação da cidade, como o pomo da arvore da sciencia, tem perdido sua irmã, e tem-lhe levado o pensamento por essas regiões encantadas, onde o oiro surge da terra, onde as fortunas crescem e avultam com a mesma rapidez e brilho da sua vegetação inter-tropical.

Bea mister para que bem se comprehendesse quanto vai perder, que em rapida revista apparecessem as felicidades d'aquelle viver innocente, as afeições que se lhe ligavam e que por ella existiam.

O apaixonado, elevado sobre os demais pelo talento e estudo, que espera de si e de seu trabalho uma posição elevada, para lhe offerecer em dote; o pae que a estremece; os vizinhos que a estimam; as danças populares, os folguedos, as festas, os banquetes patriarchaes, tudo lhe avulta, tudo lhe passa ante a vista, grinalda sympathica de flores, cujas folhas vai arremear sem dó na sua estrada de perdição.

E para o claro escuro do quadro, essa madrinha perversa, pintando-lhe as felicidades que a esperam, se procurar fortuna; e os aldeãos, que vão partir engodados em promessas mentidas, e em palavrosos protestos dos alliciadores da terra.

Entre os diferentes vultos, que povoam a scena n'este primeiro acto, dois ha, que se destacam d'entre os demais, e que postoque secundarios, hão de apparecer mais tarde em circumstancias bem diferentes.

Um, especie de *Thomé das Chagas*, p̄curador ou andador de confrarias, alma damnada que se acoberta com o veo da religião, advoga principios de sã justiça, que as suas acções desmentem, e falla de si e da sua integridade de caracter com o mesmo desfaçamento, que a tanto politico assiste d'esses de — antes virar, que torcer.

Outro, pobre Iaponio, a quem uma herança futura empoeira a cabeça de fumos pretenciosos, aspira á candidatura de deputado e prepara-se para a exercer, quando lhe abundarem os meios, proferindo sentenciosos conceitos, ou discursos de torna viagem.

Ambos são d'aquelles, que por ahí temos visto: como notabilidades de aldêa, guerreiam-se entre si, e por um és não és que não passam a vias de facto.

Deixemol-os porém, de pouce—agora nos importam, e attentemos em Emilia, que ainda está irresoluta e Deus sabe em que tormentos para se decidir.

Todavia, não ha tempo a perder. Na madrugada seguinte parte o navio em que deve ir, e precisa tomar uma resolução, seja ella qual fór.

Aqui termina o primeiro acto, e n'elle está tambem a acção toda delineada, como no ovo da aguia estão os primeiros rudimentos da ave arrojada, que deve um dia fitar o sol e arrostar os seus raios.

Se para seguir os preceitos da arte tem o primeiro acto de servir de introdução ao drama, e apresentar, em globo o que mais para o diante se hade desinvolver, como o exordio do discurso; este satisfaz plenamente esboçando os quadros todos, que depois tem de ser aperfeiçoados e promptos.

As scenas de costumes tão singelas, mas tão poeticas tambem, que se encontram nas nossas provincias, os typos nacionaes tão nossos, tão perfumados com os aromas das flores dos campos e da vida patriarchal das aldêas, apparecem ali em alto relevo, ornamentandó a acção sem a prejudicar nem escurecer.

Já n'outro logar e em outro artigo de critica o

dissemos. O drama original passado na cidade deve ressumar, para ser verdadeiro, os costumes e habitos estrangeiros que tanto reinam entre nós, e difficil lhe será por isso deixar aperceber bem palpavelmente o cunho portuguez: nas provincias, porém, cujo viver é á parte e menos em contacto com as grandes cidades, não se tem perdido a nacionalidade propria, nem é difficil, com estudo e trabalho, conservando a verdade, colher fructos de lavra nossa, e não transplantados de alheio solo. O autor de *Fazer Fortuna*—conheceu-o ao escrever a sua peça, e por isso conseguiu convenientemente conservar a originalidade, a cor local, e a exactidão da pintura.

Bem haja, que não desprou as nossas coisas, e prouvera a Deus que o seu exemplo, seguido pelos modernos escriptores, fizesse com que em vez do acanhado respigo estrangeiro, podessemos recolher fartas medas de cearas nacionaes.

Não faltam defeitos no primeiro acto, e entre elles avulta mais que nenhum outro, o acabamento d'elle, como frio e rapido de mais, comparado ao movimento das primeiras scenas; de modo que ao espectador parece, que o panno tem descido antes de tempo.

Consta-nos porém, que o proprio autor reconheceu, quanto o esmorecer do final lhe perdia o effeito do primeiro acto, e que tenciona remedial-o na proxima occasião em que o seu drama torne a subir á scena.

Tambem fôra para desejar, que se precisasse mais a resolução de Emilia, e que a surpresa de a encontrarmos no segundo acto no Brazil, cedesse ao desinvolvimento mais justo da exposição. A primeira e segunda scena, apesar de aprimoradas no estylo, e elegantes na dicção, são um tanto extensas, e estamos convencidos de que poderiam ser um pouco cortadas, sem perderem a belleza nem acanharem a narração. Mas erros são estes, se o são, de facil emenda, e que bem pouco prejudicam.

Continua.

R. PAGANINO.

CHRONICAS MONASTICAS.

- II

DA COMPANHIA DE JESUS.

Continuação.

Frontaria da egreja.

Ficava o seu frontispicio, e a porta olhando para o sul.

A vista sobre esta parte da cidade era magnifica, porque então ainda não existiam muitas d'essas casas que hoje lh'a obstruem pelo lado da rua do Arco da Graça e calçada nova do Collegio, descobrindo assim parte do Tejo e suas montanhas d'além com o horisonte do Castello, Graça e Nossa Senhora do Monte.

Antes de se entrar no adro facilitavam a subida para elle alguns degraus, tendo principio n'um terreiro. Este ainda existe hoje, porém do adro já não ha vestigios.

Tinha tres portas das quaes a do meio era de competente grandeza. Aos lados d'ella assentavam, e ainda assentam sobre dois pedestaes duas boas columnas com suas bases e capiteis, a que se segue uma

bem obrada cimalha, e sobre ella um engraçado frontispicio com boa obra que remata em uma cruz.

É toda esta obra do portal, como a mais do frontispicio de marmore branco, e bem brunido.

Na sua largura vêem-se oito pilares, dos quaes os quatro que ficam entre as portas sobem por toda a altura da frontaria. E os dois que se seguem depois para cada lado tem no meio um nicho, em que se collocou a imagem d'um santo, tambem de marmore.

Sobre o ornato das portas e nichos correm na mesma linha cinco janellas, tres das quaes caíam sobre o côro.

A do meio que assenta sobre a porta principal é de maior largura, ficando as duas ao seu lado correspondentes a prumo ás outras duas portas da igreja.

As outras duas que ficam na mesma linha e na mesma altura, deitavam para os corredores que iam por cima das capellas da igreja, e onde estavam as tribunas d'ella.

Por cima das referidas cinco janellas corre uma formosa cimalha resalteada, e com boa sacada para fora.

Superior á dita cimalha, e correspondente á janella que fica sobre a porta principal, tem logar outra janella, que, sendo unica no segundo corpo do frontispicio, é de maior grandeza, e com guarnição de maior feitio, porque ao lado das ombreiras tem suas misulas, e por cima seu frontispicio de quartellas.

Aos lados d'esta janella se continuam de cada parte dois pilares, e entre elles existe um nicho ornado com seu frontispicio de molduras, que fecham em angulo; e sobre a janella, pilares, e nicho, em boa altura, corre a cimalha real, e a ultima do frontispicio, que sobre os pilares é resalteada.

Tem esta grande cimalha ou cornija uma formosa sacada, sustentada por cachorros bem lavrados, e semelhantes a outros que a igreja tem por dentro.

Não se tencionava no principio que as torres ficassem no frontispicio, e sim nas costas da capella mór, com capacidade para sinos e relajo.

Mudou-se depois de intento, e projectou-se accommodal-as ainda na extremidade da largura do frontispicio; mas como não tiveram nascimento debaixo, não poderam em cima ter capacidade sufficiente para ficarem em forma conveniente, e por isso começadas já a levantar, vieram os padres a desistir por então da obra, guardando para outro tempo a resolução d'ella.

E assim foi que mais tarde as levaram por diante; erguendo-as tão formosas no feitio e lavor, que eram uma das maravilhas d'este templo.

Onde existem porém hoje? Nem vestigios d'ellas, porque foram derrubadas, não pelo terremoto mas por mãos de homens, ahí pelos annos de 1838.

E não contentes ainda esses homens com tal feito, venderam-as ao estrangeiro, pois é fama que foram compradas por um amator intelligente para uma das novas igrejas que n'aquella epoca se estavam construindo em Inglaterra!

E note-se que n'aquelle tempo tinhamos nós em Lisboa tres freguezias em construcção—as de S. Nicolau, S. Julião, e S. Mamede. Preferiu-se o dinheiro do estrangeiro, e Deus sabe se proporcional á riqueza do trabalho, a conserval-as no paiz como monumento e recordação da arte no seculo XVII.

Aos lados do frontispicio sobre as capellas da igreja, fica de cada parte uma varanda, em que ha pilares, pyramides e balaustres de pedra. Sobre esta

varanda encostada á parede que sustenta a abobada da igreja, se vê uma cimalha grandiosa ornada com obra semelhante á que tem a varanda que fica por baixo, servindo-lhe assim não sómente de ornato e formosura, mas tambem de segurança aos que subiam e andavam sobre o tecto da igreja; no qual, por cima da abobada de pedra, se fez outra de ladrilho, que, equalada muito bem, se cobriu de pedraria, para defender não passasse a agua, quando chovia, ao pavimento da igreja.

No meio do cruseiro se via erguida a elegante architectura do seu zimbório, revestido todo de pedra de cantaria; e n'elle oito grandes janellas que terminavam em arco, acompanhadas de dois pilares por banda; vindo assim a ficar cada uma entre quatro pilares, que por todos faziam o numero de trinta e dois.

Continua.

F. D. D'ALMEIDA E ARAUJO.

A disputa muitas vezes deixa de esclarecer o espirito, e aliena as sympathias.

A disputa regular traz o recontro das idéas; e de este surge a voz da verdade.

Se o circo das disputas não fosse invadido pelas paixões, seriam mais justas as suas decisões.

Nas disputas o maior inimigo da verdade é o amor proprio, que, ainda depois de convencido, não se dá por vencido.

Queremos ter dominio sobre os outros, e não sabemos obtel-o sobre nós mesmos.

(APHORISMOS) — MORAES CARVALHO.

AVISO.

Roga-se aos srs. subscriptores das provincias, que ainda não satisfizeram a importancia das suas assignaturas, o obsequio de as mandarem pagar, pelo seguro do correio, ou por qualquer outro meio que lhes seja mais commodo.

São correspondentes do editor:

No Porto, o sr. A. R. da Cruz Coutinho; Coimbra, a Imprensa da Universidade; Viana do Castello, o sr. A. J. Pereira; Setubal, o sr. Manuel José Ferreira; Penafiel, o sr. Maximiano Dias de Castro; ilha da Madeira, o sr. Antonio José d'Araujo; ilha de S. Miguel, o sr. M. C. d'Albergaria Valle; ilha Terceira, o sr. J. M. de Mesquita Pimentel; Rio de Janeiro, o sr. Manuel José Vieira da Costa, rua da Quitanda; Pernambuco, o sr. Miguel José Alves; Bahia, o sr. Rodrigo José Ferreira Guimarães, rua de Baixo num. 21; Maranhão, o sr. J. A. da Silva Guimarães; Ceará, o sr. Joaquim José de Oliveira; Pará, o sr. Manuel Gomes de Amorim.